

## DATA DA ATIVIDADE: / / 2017

## PROFESSOR (A): KELLY

**ATIVIDADE DE RECUPERAÇÃO - LITERATURA**

# SÉRIE: 3º ANO

**ALUNO (A): Nº:**

### TURMA:

**NOTA:**

1**.** *Não mais, musa, não mais, que a lira tenho*

*Destemperada e a voz enrouquecida,*

*E não do canto, mas de ver que venho*

*Cantar a gente surda e endurecida.*

*O favor com que mais se acende o engenho*

*Não no dá a pátria, não, que está metida*

*No gosto da cobiça e na rudeza*

*Duma austera, apagada e vil tristeza.*

Luis de Camões. **Os Lusíadas.**

a) Cite uma característica típica e uma característica atípica da poesia épica, presentes na estrofe. Justifique.

b) Relacione o conteúdo dessa estrofe com o momento vivido pelo Império Português por volta de 1572, ano da publicação de Os Lusíadas.

2**.** Leia o soneto abaixo, de Luís de Camões.

Enquanto quis Fortuna que tivesse

esperança de algum contentamento,

o gosto de um suave pensamento

me fez que seus efeitos escrevesse.

Porém, temendo Amor que aviso desse

minha escritura a algum juízo isento,

escureceu-me o engenho com tormento,

para que seus enganos não dissesse.

Ó vós, que Amor obriga a ser sujeitos

a diversas vontades! Quando lerdes

num breve livro casos tão diversos,

verdades puras são, e não defeitos...

E sabei que, segundo o amor tiverdes,

Tereis o entendimento de meus versos!

Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf. Acessado em 02/08/2016.

a) Nos dois quartetos do soneto acima, duas divindades são contrapostas por exercerem um poder sobre o eu lírico. Identifique as duas divindades e explique o poder que elas exercem sobre a experiência amorosa do eu lírico.

b) Um soneto é uma composição poética composta de 14 versos. Sua forma é fixa e seus últimos versos encerram o núcleo temático ou a ideia principal do poema. Qual é a ideia formulada nos dois últimos versos desse soneto de Camões, levando-se em consideração o conjunto do poema?

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES:

Leia o soneto “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” do poeta português Luís Vaz de Camões (1525?-1580) para responder à(s) questão(ões) a seguir.

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,

muda-se o ser, muda-se a confiança;

todo o mundo é composto de mudança,

tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,

diferentes em tudo da 1esperança;

do mal ficam as mágoas na lembrança,

e do bem – se algum houve –, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,

que já coberto foi de neve fria,

e enfim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,

outra mudança faz de 2mor espanto:

que não se muda já como 3soía.

*Sonetos*, 2001.

1esperança: esperado.

2mor: maior.

3soer: costumar (soía: costumava).

3**.** A sinestesia (do grego *syn*, que significa “reunião”, “junção”, “ao mesmo tempo”, e *aisthesis*, “sensação”, “percepção”) designa a transferência de percepção de um sentido para outro, isto é, a fusão, num só ato perceptivo, de dois sentidos ou mais.

(Massaud Moisés. *Dicionário de termos literários*, 2004. Adaptado.)

Transcreva o verso em que se verifica a ocorrência de sinestesia. Justifique sua resposta.

Reescreva o verso da terceira estrofe “que já coberto foi de neve fria”, adaptando-o para a ordem direta e substituindo o pronome “que” pelo seu referente.

4**.** Em um determinado trecho do soneto, o eu lírico assinala a passagem de uma estação do ano para outra. Transcreva os versos em que isso ocorre e identifique as estações a que eles fazem referência. Para o eu lírico, tal passagem constitui um evento aprazível? Justifique sua resposta.

5**.** Elipse: figura de sintaxe pela qual se omite um termo da oração que o contexto permite subentender.

Domingos Paschoal Cegalla.

*Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, 2009. (Adaptado).

Transcreva o verso em que se verifica a elipse do verbo. Identifique o verbo omitido nesse verso.

Para o eu lírico, qual das mudanças assinaladas ao longo do soneto lhe causa maior perplexidade? Justifique sua resposta, com base no texto.

6**.** Considere as seguintes citações:

1. “Não podemos entrar duas vezes no mesmo rio: suas águas não são nunca as mesmas e nós não somos nunca os mesmos.” – Heráclito (550 a.C.-480 a.C.)

2. “A breve duração da vida não nos permite alimentar longas esperanças.” – Horácio (65 a.C.-8 a.C.)

3. “O melhor para o homem é viver com o máximo de alegria e o mínimo de tristeza, o que acontece quando não se procura o prazer em coisas perecíveis.” – Demócrito (460 a.C.-370 a.C.)

4. “Toda e qualquer coisa tem seu vaivém e se transforma no contrário ao capricho tirânico da fortuna.” – Sêneca (4 a.C.-65 d.C.)

5. “Uma vez que a vida é um tormento, a morte acaba sendo para o homem o refúgio mais desejável.” – Heródoto (484 a.C.-430 a.C.)

Quais das citações aproximam-se tematicamente do soneto camoniano? Justifique sua resposta.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

**Ao 1valimentoque tem o mentir**

Mau ofício é mentir, mas proveitoso...

Tanta mentira, tanta utilidade

Traz consigo o mentir nesta cidade

Como o diz o mais triste mentiroso.

Eu, como um ignorante e um baboso,

Me pus a verdadeiro, por vaidade;

Todo o meu 2cabedal meti em verdade

E saí do negócio 3perdidoso.

Perdi o principal, que eram verdades,

Perdi os interesses de estimar-me,

Perdi-me a mim em tanta 4soledade;

Deram os meus amigos em deixar-me,

5Cobrei ódios e inimizades...

Eu me meto a mentir e a aproveitar-me.

GREGÓRIO DE MATOS

PIRES, M. L. G. (org.). *Poetas do período barroco*. Lisboa: Comunicação, 1985.

1valimento − validade

2cabedal − conhecimento

3perdidoso − prejudicado

4soledade − solidão

5cobrar − receber

7**.** A primeira estrofe do poema apresenta inversões da ordem direta das orações. Esse recurso expressivo, chamado hipérbato, é frequente na estética barroca.

Reescreva os versos 2 e 3 da primeira estrofe na ordem direta, desfazendo o hipérbato. Em seguida, explique o efeito do hipérbato para a camada sonora dessa estrofe.

8**.** O barroco apresenta duas vertentes: o cultismo, caracterizado pela linguagem rebuscada e extravagante, pelos jogos de palavras; e o conceptismo, marcado pelo jogo de ideias, de conceitos, seguindo um raciocínio lógico.

O poema de Gregório de Matos, exemplo da estética barroca, insere-se em uma dessas vertentes. Identifique-a e justifique sua resposta.

9**.** Leia este texto.

Mas o meu novíssimo amigo, debruçado da janela, batia as palmas – como Catão para chamar os servos, na Roma simples. E gritava:

– Ana Vaqueira! Um copo de água, bem lavado, da fonte velha!

Pulei, imensamente divertido:

– Oh Jacinto! E as águas carbonatadas? E as fosfatadas? E as esterilizadas? E as sódicas?... O meu Príncipe atirou os ombros com um desdém soberbo. E aclamou a aparição de um grande copo, todo embaciado pela frescura nevada da água refulgente, que uma bela moça trazia num prato. Eu admirei sobretudo a moça... Que olhos, de um negro tão líquido e sério! No andar, no quebrar da cinta, que harmonia e que graça de ninfa latina!

E apenas pela porta desaparecera a esplêndida aparição:

– Oh Jacinto, eu daqui a um instante também quero água! E se compete a esta rapariga trazer as coisas, eu, de cinco em cinco minutos, quero uma coisa!... Que olhos, que corpo... Caramba, menino! Eis a poesia, toda viva, da serra...

O meu Príncipe sorria, com sinceridade:

– Não! Não nos iludamos, Zé Fernandes, nem façamos Arcádia. É uma bela moça, mas uma bruta... Não há ali mais poesia, nem mais sensibilidade, nem mesmo mais beleza do que numa linda vaca turina. Merece o seu nome de Ana Vaqueira. Trabalha bem, digere bem, concebe bem. Para isso a fez a Natureza, assim sã e rija

(...).

Eça de Queirós, *A cidade e as serras*.

a) No período em que Jacinto passa a viver na serra, tornam-se relativamente frequentes, no romance, as referências à cultura da Antiguidade Clássica. Consideradas no contexto da obra, o que conotam as referências que o narrador, no excerto, faz a aspectos dessa cultura?

b) Considerando-a no contexto em que aparece, explique a expressão “nem façamos Arcádia”, empregada por Jacinto.

10**.** Leia o soneto abaixo, de Luís de Camões:

“Cá nesta Babilônia, donde mana

matéria a quanto mal o mundo cria;

cá donde o puro Amor não tem valia,

que a Mãe, que manda mais, tudo profana;

cá, onde o mal se afina e o bem se dana,

e pode mais que a honra a tirania;

cá, onde a errada e cega Monarquia

cuida que um nome vão a desengana;

cá, neste labirinto, onde a nobreza,

com esforço e saber pedindo vão

às portas da cobiça e da vileza;

cá neste escuro caos de confusão,

cumprindo o curso estou da natureza.

Vê se me esquecerei de ti, Sião!”

(Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000164.pdf. Acessado em 08/09/2015.)

a) Uma oposição espacial configura o tema e o significado desse poema de Camões. Identifique essa oposição, indicando o seu significado para o conjunto dos versos.

b) Identifique nos tercetos duas expressões que contemplam a noção de desconcerto, fundamental para a compreensão do tema do soneto e da lírica camoniana.

11**.** **TEXTO I**

QUEIXA-SE O POETA EM QUE O MUNDO VAI

ERRADO, E QUERENDO EMENDÁ-LO O TEM

POR EMPRESA DIFICULTOSA

Carregado de mim ando no mundo,

E o grande peso embarga-me as passadas,

Que como ando por vias desusadas,

Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo.

O remédio será seguir o imundo

Caminho, onde dos mais vejo as pisadas,

Que as bestas andam juntas mais ornadas,

Do que anda só o engenho mais profundo

Não é fácil viver entre os insanos,

Erra, quem presumir, que sabe tudo,

Se o atalho não soube dos seus danos.

O prudente varão há de ser mudo,

Que é melhor neste mundo o mar de enganos,

Ser louco c'os demais, que ser sisudo.

(MATOS, Gregório de. *Os homens bons: A musa*

*praguejadora*. In: *Obras completas de Gregório de Matos*

*(Crônica do viver baiano seiscentista)*. Salvador: Janaína,

1968. 7 vols. p. 442, v. II. Ortografia atualizada.)

**TEXTO II**

RENÚNCIA

Chora de manso e no íntimo... Procura

Curtir sem queixa o mal que te crucia:

O mundo é sem piedade e até riria

Da tua inconsolável amargura.

Só a dor enobrece e é grande e é pura.

Aprende a amá-la que a amarás um dia.

Então ela será tua alegria,

E será, ela só, tua ventura...

A vida é vã como a sombra que passa...

Sofre sereno e d’alma sobranceira,

Sem um grito sequer, tua desgraça.

Encerra em ti tua tristeza inteira.

E pede humildemente a Deus que a faça

Tua doce e constante companheira...

Teresópolis, 1906

(BANDEIRA, Manuel. *A cinza das horas*. In: \_\_\_\_\_\_\_.

*Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova

Aguilar, 1993. p. 151.)

Os quartetos de Gregório de Matos propõem um problema e uma solução. Explicite-os sem copiar do texto.

12**.** **Texto I**

CASUAL ENCONTRO QUE TEVE O POETA COM BRITES NO SEU RETIRO DE UMA ROÇA

Fui ver a fonte da roça,

e quando a mais gente vai

a refrescar-se na fonte,

eu me fui nela abrasar.

Dentro da fonte achei Brites,

que ali se foi a banhar

(...)

Convidou-me, a que bebesse

a neve do manancial,

e se a neve assim me abrasa,

o incêndio que fará.

Bebi, e não matei a sede,

porque no inferno de amar

fui Tântalo, cuja pena

o beber acende mais.

Queira Amor, Brites ingrata,

que essa fonte, esse cristal

não seja o vosso perigo,

em que Narciso morrais.

MATOS, Gregório de. *Crônica do viver baiano seiscentista*: vol. 2. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999. p. 704-705

**Texto II**

NARCISO (II)

Folhas incandescentes fizeram da fonte

vales de fulgores. Bebia Narciso sobre a onda

quando uma face viu de tal beleza

que a luz mais viva se tornou.

E Amor – cujas setas jamais puderam alcançar

seu coração esquivo – nele reinou e jamais do jovem

se apartava, que a seu chamado às águas acorria.

Insidiosa veio a Morte para o levar consigo,

deixando numa flor a forma de Narciso.

SILVA, Dora Ferreira da. *Hídrias*. São Paulo: Odysseus, 2004. p. 39.

Com base nos textos, faça o que se pede.

a) Analise os efeitos do amor retratados nos dois poemas. Justifique com elementos dos textos.

b) Aponte dois recursos expressivos da linguagem de cada poema, exemplificando-os com passagens dos próprios poemas.

13**.** **TEXTO I**

**SONETO DO EPITÁFIO**

Lá quando em mim perder a humanidade

Mais um daqueles, que não fazem falta,

Verbi-gratia – o teólogo, o peralta,

Algum duque, ou marquês, ou conde, ou frade:

Não quero funeral comunidade,

Que engrole “sub-venites” em voz alta;

Pingados gatarrões, gente de malta,

Eu também vos dispenso a caridade:

Mas quando ferrugenta enxada edosa

Sepulcro me cavar em ermo outeiro,

Lavre-me este epitáfio mão piedosa:

“Aqui dorme Bocage, o putanheiro;

Passou vida folgada, e milagrosa;

Comeu, bebeu, fodeu sem ter dinheiro”.

(BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. In: LAJOLO, Marisa.

(Org.) *Literatura Comentada: Bocage*. São Paulo: Abril

Cultural, 1980. p. 91. Ortografia atualizada.)

**TEXTO II**

LEMBRANÇAS DE MORRER

Quando em meu peito rebentar-se a fibra,

Que o espírito enlaça à dor vivente,

Não derramem por mim nem uma lágrima

Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura

A flor do vale que adormece ao vento:

Não quero que uma nota de alegria

Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio

Do deserto, o poento caminheiro

– Como as horas de um longo pesadelo

Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como o desterro de minh’alma errante,

Onde o fogo insensato a consumia:

Só levo uma saudade – é desses tempos

Que amorosa ilusão embelecia.

[...]

Descansem o meu leito solitário

Na floresta dos homens esquecida,

À sombra de uma cruz, e escrevam nela:

Foi poeta – sonhou – e amou na vida.

Sombras do vale, noites da montanha

Que minha alma cantou e amava tanto,

Protegei o meu corpo abandonado,

E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d’aurora

E quando à meia-noite o céu repousa,

Arvoredos do bosque, abri os ramos.

Deixai a lua pratear-me a lousa!

(AZEVEDO, Álvares de.*Lira dos Vinte anos*. In: *Obra completa*.

Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 188-189.)

Com base nos textos I e II, responda:

a) Quais são as características do soneto de Bocage (texto I) que nos permitem identificá-lo como satírico?

b) Os poemas de Bocage (texto I) e Álvares de Azevedo (texto II) tratam diferentemente do mesmo tema. Identifique esse tema e explicite as maneiras como cada autor o trata, relacionando-as com o contexto de época.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A(s) quest(ões) **a seguir** toma(m) por base o “Soneto LXVII” (“Considera a vantagem que os brutos fazem aos homens em obedecer a Deus”), de Dom Francisco Manuel de Melo (1608-1666).

Quando vejo, Senhor, que às alimárias1

Da terra, da água, do ar, – peixe, ave, bruto –,

Não lhe esquece jamais o alto estatuto

Das leis que lhes pusestes ordinárias;

E logo vejo quantas artes2 várias

O homem racional, próvido3 e astuto,

Põe em obrar, ingrato e resoluto,

Obras que a vossas leis são tão contrárias:

Ou me esquece quem sois ou quem eu era;

Pois do que me mandais tanto me esqueço,

Como se a vós e a mi não conhecera.

Com razão logo por favor vos peço

Que, pois homem tal sou, me façais fera,

A ver se assi melhor vos obedeço.

(*A tuba de Calíope*, 1988.)

1alimária: animal irracional.

2arte: astúcia, ardil.

3 próvido: providente, que se previne, previdente, precavido.

14**.** Que contraste é explorado pelo poema como base da argumentação? Justifique sua resposta. Considerando também outros aspectos, em que movimento literário o poema se enquadra?

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES:

**O DIREITO À LITERATURA**

 1Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações.

 Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação\*. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. 2O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional está presente em cada um de nós, como anedota, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular. Ela se manifesta desde o devaneio no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance.

 Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito.

 Podemos dizer que 3a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Deste modo, ela é 4fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente.

 Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. Por isso é que nas nossas sociedades a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo.

Antonio Candido

Adaptado de *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

\* fabulação − ficção

15**.** *O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade.* (ref. 2)

*a literatura é o sonho acordado das civilizações.* (ref. 3)

O autor emprega a palavra *sonho* com sentidos distintos.

Indique os dois sentidos usados para a palavra *sonho*.

Em seguida, explique a associação feita no segundo trecho entre *sonho* e *civilizações*.

16**.** O autor afirma que a literatura *é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade,* (ref. 4).

Cite dois argumentos que ele apresenta no texto para chegar a essa conclusão.

17**.** *Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível,* (ref. 1)

O trecho acima parte de uma pressuposição que o próprio autor contesta: a de que existiria uma maneira restrita de definir a literatura.

Identifique outro exemplo do primeiro parágrafo que contenha uma pressuposição e explique em que ela consiste.

18**.** **A felicidade**

Tristeza não tem fim

Felicidade sim...

A felicidade é como a pluma

Que o vento vai levando pelo ar

Voa tão leve

Mas tem a vida breve

Precisa que haja vento sem parar.

A felicidade do pobre parece

A grande ilusão do carnaval

A gente trabalha o ano inteiro

Por um momento de sonho

Pra fazer a fantasia

De rei, ou de pirata, ou jardineira

Pra tudo se acabar na quarta-feira

Tristeza não tem fim

Felicidade sim...

A felicidade é como a gota

De orvalho numa pétala de flor

Brilha tranquila

Depois de leve oscila

E cai como uma lágrima de amor.

A minha felicidade está sonhando

Nos olhos da minha namorada

É como esta noite

Passando, passando

Em busca da madrugada

Falem baixo, por favor...

Pra que ela acorde alegre com o dia

Oferecendo beijos de amor.

Tristeza não tem fim

Felicidade sim...

MORAES, Vinicius de e JOBIM, Tom. *Vinicius de Moraes – Literatura Comentada*São Paulo: Abril Educação, 1980. p.71 e 72.

a) Comemora-se neste ano o centenário de nascimento de um dos mais importantes personagens da cultura brasileira, Vinicius de Moraes. Poeta, compositor, jornalista, diplomata, Vinicius soube como poucos sensibilizar os seus leitores com uma literatura densa, envolvente e sensível. Apesar de pertencer historicamente ao modernismo, a poética de Vinicius está muito próxima à de outro estilo de época da nossa literatura. A partir da leitura da letra da canção *Felicidade*, parceria sua com o maestro Tom Jobim, aponte o estilo do qual ele se aproxima, fundamentando a sua resposta.

b) Determine o gênero literário predominante no texto, justificando com dois aspectos que o caracterizam.

19**.** **Vagabundo**

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,

Fumando meu cigarro vaporoso;

Nas noites de verão namoro estrelas;

Sou pobre, sou mendigo, e sou ditoso!

Ando roto, sem bolsos nem dinheiro;

Mas tenho na viola uma riqueza:

Canto à lua de noite serenatas,

E quem vive de amor não tem pobreza.

Não invejo ninguém, nem ouço a raiva

Nas cavernas do peito, sufocante,

Quando à noite na treva em mim se entornam

Os reflexos do baile fascinante.

Namoro e sou feliz nos meus amores;

Sou garboso e rapaz... Uma criada

Abrasada de amor por um soneto

Já um beijo me deu subindo a escada...

Oito dias lá vão que ando cismado

Na donzela que ali defronte mora.

Ela ao ver-me sorri tão docemente!

Desconfio que a moça me namora!..

Tenho por meu palácio as longas ruas;

Passeio a gosto e durmo sem temores;

Quando bebo, sou rei como um poeta,

E o vinho faz sonhar com os amores.

O degrau das igrejas é meu trono,

Minha pátria é o vento que respiro,

Minha mãe é a lua macilenta,

E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,

De painéis a carvão adorno a rua;

Como as aves do céu e as flores puras

Abro meu peito ao sol e durmo à lua.

Sinto-me um coração de lazzaroni;

Sou filho do calor, odeio o frio;

Não creio no diabo nem nos santos...

Rezo a Nossa Senhora, e sou vadio!

Ora, se por aí alguma bela

Bem doirada e amante da preguiça

Quiser a nívea mão unir à minha

Há de achar-me na Sé, domingo, à Missa.

AZEVEDO, Álvares de. In RAMOS, Frederico José da Silva. (Org.) *Grandes poetas românticos do Brasil*. Tomo I. São Paulo: LEP, 1959, p.266.

a) O estudo da literatura aponta para a existência de diferentes gêneros literários, que podem aparecer em um texto separadamente ou misturados, dependendo da intenção do autor, da abordagem temática e da construção linguística empregada. Determine o gênero literário predominante no texto.

b) Transcreva do poema *Vagabundo* um verso que cumpre uma função metapoética.

20**.** **Texto I**

**LXXIX**

Entre este álamo, ó Lise, e essa corrente,

Que agora estão meus olhos contemplando,

Parece que hoje o céu me vem pintando

A mágoa triste, que meu peito sente.

Firmeza a nenhum deles se consente

Ao doce respirar do vento brando;

O tronco a cada instante meneando,

A fonte nunca firme, ou permanente.

Na líquida porção, na vegetante

Cópia daquelas ramas se figura

Outro rosto, outra imagem semelhante:

Quem não sabe que a tua formosura

Sempre móvel está, sempre inconstante,

Nunca fixa se viu, nunca segura?

Cláudio Manoel da Costa. Apud Domício Proença Filho. *A poesia dos inconfidentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 85.

**Texto II**

**O espelho**

O

espelho: atra

vés

de seu líquido nada

me des

dobro.

Ser quem me

olha

e olhar seus

olhos

nada de

nada

duplo

mistério.

Não amo

o espelho: temo-o.

Orides Fontela. *Poesia reunida (1969-1996)*. São Paulo: Cosac Naify; Rio de Janeiro: 7letras, 2006, p. 212.

Os poemas **LXXIX** e *O espelho* abordam tema semelhante de maneira bastante diferente. Considerando que o soneto de Cláudio Manoel da Costa foi escrito em 1768 e o poema de Orides Fontela, em 1986, redija um texto, na modalidade da língua escrita padrão, abordando as diferenças formais (verso, rima etc.) e temáticas (configuração do eu lírico diante do espelho) entre as duas obras.

21**.** Os excertos abaixo foram extraídos do *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente.

(...) **FIDALGO:** Que leixo na outra vida

quem reze sempre por mi.

**DIABO:** (...) E tu viveste a teu prazer,

cuidando cá guarecer

por que rezem lá por ti!...(...)

**ANJO:** Que querês?

**FIDALGO:** Que me digais,

pois parti tão sem aviso,

se a barca do paraíso

é esta em que navegais.

**ANJO:** Esta é; que me demandais?

**FIDALGO:** Que me leixês embarcar.

sô fidalgo de solar,

é bem que me recolhais.

**ANJO:** Não se embarca tirania

neste batel divinal.

**FIDALGO:** Não sei por que haveis por mal

Que entr’a minha senhoria.

**ANJO:** Pera vossa fantesia

mui estreita é esta barca.

**FIDALGO:** Pera senhor de tal marca

nom há aqui mais cortesia? (...)

**ANJO:** Não vindes vós de maneira

pera ir neste navio.

Essoutro vai mais vazio:

a cadeira entrará

e o rabo caberá

e todo vosso senhorio.

Vós irês mais espaçoso

com fumosa senhoria,

cuidando na tirania

do pobre povo queixoso;

e porque, de generoso,

desprezastes os pequenos,

achar-vos-eis tanto menos

quanto mais fostes fumoso. (…)

**SAPATEIRO:** (...) E pera onde é a viagem?

**DIABO:** Pera o lago dos danados.

**SAPATEIRO:** Os que morrem confessados,

onde têm sua passagem?

**DIABO:** Nom cures de mais linguagem!

Esta é a tua barca, esta!

(...) E tu morreste excomungado:

não o quiseste dizer.

Esperavas de viver,

calaste dous mil enganos...

tu roubaste bem trint'anos

o povo com teu mester. (...)

**SAPATEIRO:** Pois digo-te que não quero!

**DIABO:** Que te pês, hás-de ir, si, si!

**SAPATEIRO:** Quantas missas eu ouvi,

não me hão elas de prestar?

**DIABO:** Ouvir missa, então roubar,

é caminho per'aqui.

(Gil Vicente, Auto da barca do inferno, em Cleonice Berardinelli (org.), *Antologia do teatro de Gil Vicente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984, p. 57-59 e 68-69.)

a) Por que razão específica o fidalgo é condenado a seguir na barca do inferno? E o sapateiro?

b) Além das faltas específicas desses personagens, há uma outra, comum a ambos e bastante praticada à época, que Gil Vicente condena. Identifique essa falta e indique de que modo ela aparece em cada um dos personagens.

22**.** Os trechos abaixo, do *Auto da barca do inferno* e das *Memórias de um sargento de milícias*, tratam, de maneira cômica, dos “pecados” de duas personagens que, cada uma a seu modo, representam uma autoridade.

Leia-os com atenção e responda às questões propostas em seguida.

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| ***Frade***Ah, Corpo de Deus consagrado!Pela fé de Jesus Cristo,qu’eu não posso entender isto!Eu hei-de ser condenado?Um padre tão namoradoe tanto dado à virtude!Assi Deus me dê saúdeque eu estou maravilhado!***Diabo***Não façamos mais detença. | Embarcai e partiremos:tomareis um par de remos.***Frade***Não ficou isso n’avença!***Diabo***Pois dada está já a sentença!***Frade***Par Deus! Essa seri’ela!Não vai em tal caravelaminha senhora Florença.Como? Por ser namorado | e folgar com ua mulherse há um frade de se perder,com tanto salmo rezado?***Diabo***Ora estás bem aviado!***Frade***Mas estás bem corregido!***Diabo***Devoto padre marido,haveis de ser cá pingado... |

(Gil Vicente, *Auto da barca do inferno*. São Paulo: Ática, 2006, p. 35-36.)

 Os leitores estão já curiosos por saber quem é *ela*, e têm razão; vamos já satisfazê-los. O major era pecador antigo, e no seu tempo fora daqueles de quem se diz que não deram o seu quinhão ao vigário: restava-lhe ainda hoje

*alguma* coisa que às vezes lhe recordava o passado: essa *alguma coisa* era a Maria-Regalada que morava na Prainha. Maria-Regalada fora no seu tempo uma mocetona de truz, como vulgarmente se diz: era de um gênio sobremaneira folgazão, vivia em contínua alegria, ria-se de tudo, e de cada vez que se ria fazia-o por muito tempo e com muito gosto: daí é que vinha o apelido – *regalada* – que haviam juntado ao seu nome.

(Manuel Antonio de Almeida, *Memória de um sargento de milícias.* São Paulo: Ática, 2004, Capítulo XLV - “Empenhos”, p. 142.)

a) O que há de comum na caracterização da conduta do Frade, na peça, e do major Vidigal, no romance?

b) Que diferença entre as obras faz com que essas personagens tenham destinos distintos?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**SONETO**

[Moraliza o poeta nos ocidentes do sol

a inconstância dos bens do mundo]

 Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,

 Depois da Luz se segue a noite escura,

 Em tristes sombras morre a formosura,

 Em contínuas tristezas a alegria.

 Porém se acaba o Sol, por que nascia?

 Se formosa a Luz é, por que não dura?

 Como a beleza assim se transfigura?

 Como o gosto da pena assim se fia?

 Mas no Sol, e na Luz, falte a firmeza,

 Na formosura não se dê constância,

 E na alegria sinta-se tristeza.

 Começa o mundo enfim pela ignorância,

 E tem qualquer dos bens por natureza

 A firmeza somente na inconstância.

(MATOS, Gregório. *Obras completas de Gregório de Matos*. Salvador: Janaína, 1969, 7 volumes.)

23**.** De forma recorrente, o Barroco lança mão de figuras de sintaxe como recurso expressivo.

a) Considerando o terceiro e o quarto versos da primeira estrofe do soneto, explicite as duas figuras de sintaxe que, nesses versos, estão relacionadas aos termos oracionais classificados, tradicionalmente, como essenciais ou básicos.

b) Classifique, quanto à função sintática, os constituintes do último verso da primeira estrofe.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

**TEXTO 1**

“Saudações”

Ó ilustríssimos senhores

de modos finos, que saco!

Pelo amor da santa, fora

com vossos salamaleques!

Não quero louros nem busto

e nem meu nome em via

pública.

Não quero as vossas vênias

e rapapés, flores dúbias.

Não quero ser poeta

de que todos se orgulham.

Descaradamente confesso

a quem interessar possa:

Quero é ser a vergonha

da província e da república.

(Transpaixão)

**TEXTO 2**

“Lisbon revisited (1923)”

Não: não quero nada.

Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!

A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!

Não me falem em moral!

Tirem-me daqui a metafísica!

Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem

conquistas

Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) —

Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-a!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.

Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.

Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

(Ficções do interlúdio)

24**.** Considerando que intertextualidade implica a “utilização de uma multiplicidade de textos ou de partes de textos preexistentes de um ou mais autores, de que resulta a elaboração de um novo texto literário” (Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa), justifique como esse processo ocorre na relação entre os trechos de “Saudações”, do poeta brasileiro contemporâneo Waldo Motta, e de “Lisbon revisited (1923)”, do poeta português modernista Fernando Pessoa.

25**.** Na seguinte cena do *Auto da Barca do Inferno*, o Corregedor e o Procurador dirigem-se à Barca da Glória, depois de se recusarem a entrar na Barca do Inferno.

Corregedor: Ó arrais dos gloriosos, passai-nos neste batel!

Anjo: Ó pragas pera papel, pera as almas odiosos!

Como vindes preciosos,

sendo filhos da ciência!

Corregedor: Ó ! habeatis clemência

e passai-nos como vossos!

Joane (Parvo): Hou, homens dos breviairos,

rapinastis coelhorum

et perniz perdiguitorum

e mijais nos campanairos !

Corregedo:r Ó! Não nos sejais contrairos,

Pois nom temos outra ponte!

Joane (Parvo): Beleguinis ubi sunt?

Ego latinus macairos.

pera: para

*habeatis*: tende

homens dos breviairos: homens de leis

*Rapinastis coelhorum*/*Et perniz perdiguitorum*:

Recebem coelhos e pernas de perdiz como suborno

*Beleguinis ubi sunt*?: Onde estão os oficiais de justiça?

*Ego latinus macairos*: Eu falo latim macarrônico

(Gil Vicente, *Auto da Barca do Inferno*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996, p. 107-109.)

a) De que pecado o Parvo acusa o homem de leis (Corregedor)? Este é o único pecado de que ele é acusado na peça?

b) Com que propósito o latim é empregado pelo Corregedor? E pelo Parvo?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

SEGUE NESTE SONETO A MÁXIMA DE BEM VIVER QUE É ENVOLVER-SE NA CONFUSÃO DOS NÉSCIOS PARA PASSAR MELHOR A VIDA

SONETO

Carregado de mim ando no mundo,

E o grande peso embarga-me as passadas,

Que como ando por vias desusadas,

Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo.

O remédio será seguir o imundo

Caminho, onde dos mais vejo as pisadas,

Que as bestas andam juntas mais ousadas,

Do que anda só o engenho mais profundo.

Não é fácil viver entre os insanos,

Erra, quem presumir que sabe tudo,

Se o atalho não soube dos seus danos.

O prudente varão há de ser mudo,

Que é melhor neste mundo, mar de enganos,

Ser louco c'os demais, que só, sisudo.

(MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Cultrix, 1989. p. 253)

26**.** O Barroco faz um uso particular de metáforas para concretizar abstrações. No texto, encontram-se vocábulos cujos significados constroem imagens vinculadas à travessia do eu-lírico no mundo. Retire do texto quatro vocábulos desse campo semântico, sendo dois verbos e dois substantivos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

 Tinham eles (os holandeses) saído na ilha de Itaparica, fronteira à Bahia, e aqui, levados de furor herético, deram muitos golpes numa cruz que à porta de uma ermida estava arvorada. Tornando poucos dias depois, os nossos, como era costume, os esperaram, e, encontrando com eles ao saltar em terra, a cruz, que antes estendia os braços de leste a oeste, se foi torcendo do meio para cima, ficando o pé imóvel, até que os braços se puseram de norte a sul, abertos para os que pelejavam.

(Padre Vieira, *Cartas do Brasil*, p. 91.)

27**.** Vieira escreveu também um famoso sermão, em 1640, exortando os portugueses a lutar contra os holandeses, diante da iminente chegada à Bahia de uma esquadra invasora. Aqui vai um pequeno trecho desse sermão: "Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando; pois esta é a licença e liberdade que tem quem não pede favor, senão justiça. Se a causa fora só nossa, e eu viera a rogar só por nosso remédio, pedira favor e misericórdia. Mas como a causa, Senhor, é mais vossa que nossa, e como venho a requerer por parte de vossa honra e glória, e pelo crédito de vosso nome - Propter nomem tuum - razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça". (Fundação Biblioteca Nacional.)

a) Como ficou conhecido esse sermão?

b) A quem se dirige Vieira nesse trecho do sermão? Justifique com algum exemplo do texto apresentado.

28**.** Com base nos cinco primeiros cantos de "Os Lusíadas", de Luís de Camões, assinale a alternativa que associa corretamente a ação do personagem com o seu canto em que a ação se insere.



29**.** Leia os diálogos abaixo da peça "O Velho da Horta" de Gil Vicente:

(Mocinha) - Estás doente, ou que haveis?

(Velho) - Ai! não sei, desconsolado,

Que nasci desventurado.

(Mocinha) - Não choreis;

mais mal fadada vai aquela.

(Velho) - Quem?

(Mocinha) - Branca Gil.

(Velho) - Como?

(Mocinha) - Com cent'açoutes no lombo,

e uma corocha por capela\*.

E ter mão;

leva tão bom coração,\*\*

como se fosse em folia.

Ó que grandes que lhos dão!\*\*\*

\* (corocha) cobertura para a cabeça própria das alcoviteiras; (por capela) por grinalda.

\*\* caminha tão corajosa

\*\*\* Ó que grandes açoites que lhe dão!

 (Gil Vicente, "O Velho da Horta", em Cleonice Berardinelli (org.), "Antologia do Teatro de Gil Vicente". Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Brasília, INL, 1984, p.274).

a) A qual desventura refere-se o Velho neste diálogo com a Mocinha?

b) A que se deve o castigo imposto a Branca Gil?

c) Diante do castigo, Branca Gil adota uma atitude paradoxal. Por quê?

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Cantiga

Bailemos nós já todas três, ai amigas,

So aquestas avelaneiras frolidas, (frolidas = floridas)

E quem for velida, como nós, velidas, (velida = formosa)

Se amigo amar,

So aquestas avelaneiras frolidas (aquestas = estas)

Verrá bailar. (verrá = virá)

Bailemos nós já todas três, ai irmanas, (irmanas = irmãs)

So aqueste ramo destas avelanas, (aqueste = este)

E quem for louçana, como nós, louçanas, (louçana = formosa)

Se amigo amar,

So aqueste ramo destas avelanas (avelanas = avelaneiras)

Verrá bailar.

Por Deus, ai amigas, mentr'al non fazemos, (mentr'al = enquanto outras coisas)

So aqueste ramo frolido bailemos,

E quem bem parecer, como nós parecemos (bem parecer = tiver belo aspecto)

Se amigo amar,

So aqueste ramo so lo que bailemos

Verrá bailar.

Airas Nunes, de Santiago. *In*: SPINA, Segismundo. *Presença da Literatura Portuguesa - I. Era Medieval*. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1966.

Confessor Medieval

(1960)

Irias à bailia com teu amigo,

Se ele não te dera saia de sirgo? (sirgo = seda)

Se te dera apenas um anel de vidro

Irias com ele por sombra e perigo?

Irias à bailia sem teu amigo,

Se ele não pudesse ir bailar contigo?

Irias com ele se te houvessem dito

Que o amigo que amavas é teu inimigo?

Sem a flor no peito, sem saia de sirgo,

Irias sem ele, e sem anel de vidro?

Irias à bailia, já sem teu amigo,

E sem nenhum suspiro?

Cecília Meireles. *Poesias completas de Cecília Meireles* - v. 8. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

30**.** Tanto na cantiga como no poema de Cecília Meireles verificam-se diferentes personagens: um eu-poemático, que assume a palavra, e um interlocutor ou interlocutores a quem se dirige. Com base nesta informação, releia os dois poemas e, a seguir,

a) indique o interlocutor ou interlocutores do eu-poemático em cada um dos textos.

b) identifique, em cada poema, com base na flexão dos verbos, a pessoa gramatical utilizada pelo eu-poemático para dirigir-se ao interlocutor ou interlocutores.

31**.** a) No início da "Farsa de Inês Pereira", Lianor Vaz relata à mãe de Inês um hilariante acontecimento que teria protagonizado. Tal acontecimento serve de testemunho à crítica moral que Gil Vicente pretendeu fazer a uma instituição ainda de grande influência no século XVI, época em que foi escrita a famosa peça. Qual é o episódio que Lianor Vaz teria protagonizado? Qual seria aquela instituição?

b) Ao final da peça de Gil Vicente, com Inês já casada com Pero Márquez, comparece à cena uma personagem decisiva para o desenlace da trama. Quem é essa personagem? Que relação teria ela tido com Inês, anteriormente?

32**.** Oh! Maldito o primeiro que, no mundo,

Nas ondas vela pôs em seco lenho!

Digno da eterna pena do Profundo,

Se é justa a justa Lei que sigo e tenho!

Nunca juízo algum, alto e profundo,

Nem cítara sonora ou vivo engenho,

Te dê por isso fama nem memória,

Mas contigo se acabe o nome e a glória.

 (Camões, "Os Lusíadas")

a) Considerando este trecho da fala do velho do Restelo no contexto da obra a que pertence, explique os dois primeiros versos, esclarecendo o motivo da maldição que, neles, é lançada.

b) Nos quatro últimos versos, está implicada uma determinada concepção da função da arte. Identifique essa concepção, explicando-a brevemente.

33**.** Leia agora as seguintes estrofes, que se encontram em passagens diversas de A FARSA DE INÊS PEREIRA de Gil Vicente:

Inês:

Andar! Pero Marques seja!

Quero tomar por esposo

quem se tenha por ditoso

de cada vez que me veja.

Por usar de siso mero,

asno que leve quero,

e não cavalo folão;

antes lebre que leão,

antes lavrador que Nero.

Pero:

I onde quiserdes ir

vinde quando quiserdes vir,

estai quando quiserdes estar.

Com que podeis vós folgar

que eu não deva consentir?

(nota: folão, no caso, significa "bravo", "fogoso")

a) A fala de Inês ocorre no momento em que aceita casar-se com Pero Marques, após o malogrado matrimônio com o escudeiro. Há um trecho nessa fala que se relaciona literalmente com o final da peça. Que trecho é esse? Qual é o

pormenor da cena final da peça que ele está antecipando?

b) A fala de Pero, dirigida a Inês, revela uma atitude contrária a uma característica atribuída ao seu primeiro marido. Qual é essa característica ?

c) Considerando o desfecho dos dois casamentos de Inês, explique por que essa peça de Gil Vicente pode ser considerada uma sátira moral.

34**.** Leia os seguintes fragmentos de "Marília de Dirceu", de Tomás Antônio Gonzaga.

Texto 1

Verás em cima de espaçosa mesa

Altos volumes de enredados feitos;

Ver-me-ás folhear os grandes livros,

 E decidir os pleitos.

Texto 2

Os Pastores, que habitam este monte,

Respeitam o poder do meu cajado;

Com tal destreza toco a sanfoninha,

Que inveja me tem o próprio Alceste.

Responda:

a) Em qual dos fragmentos o sujeito lírico é caracterizado de acordo com a convenção arcádica?

b) Explique.

35**.** Ao evidenciar as tendências do Arcadismo brasileiro, Antônio Cândido conclui:

A poesia pastoral, como tema, talvez esteja vinculada ao desenvolvimento da cultura urbana, que, opondo as linhas artificiais da cidade à paisagem natural, transforma o campo num bem perdido, que encarna facilmente os sentimentos de frustração.

 (CÂNDIDO, Antônio. "Formação da literatura brasileira." São Paulo: Martins, 1959. p.54. v.I)

A partir de uma reflexão sobre a afirmativa transcrita acima, fale sobre as manifestações da Natureza na poesia árcade:

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Os bons vi sempre passar

No Mundo graves tormentos;

E pera mais me espantar

Os maus vi sempre nadar

Em mar de contentamentos.

Cuidando alcançar assim

O bem tão mal ordenado,

Fui mau, mas fui castigado,

Assim que só pera mim

Anda o Mundo concertado.

(Luís de Camões: Ao desconcerto do Mundo. *In*: *RIMAS. OBRA COMPLETA*. Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1963, p. 475-6.)

 36**.** Este curto poema de Camões compõe-se de partes correspondentes ao destaque dado às personagens (o eu poemático e os outros). Quanto ao significado, o poema baseia-se em antíteses desdobradas, de tal maneira trançadas que parecem refletir o "desconcerto do mundo". Posto isso,

a) identifique a antítese básica do poema e mostre os seus desdobramentos.

b) Explique a composição do texto com base nas rimas.

37**.** O poema está composto com versos de sete sílabas e na forma conhecida como "esparsa" que, junto com outras, constituía o estoque de formas medievais que muitos poetas clássicos de Portugal, dentre os quais Camões, continuaram usando no século XVI e que se denominavam de "medida velha". Além dessas formas, Camões usou as italianizantes ou clássicas, que se denominavam de "medida nova".

a) Cite outra forma de "medida velha" usada por Camões.

b) Cite duas formas de "medida nova".

38**.** "Pobre terra da Bruzundanga! Velha, na sua maior parte, como o planeta, toda a sua missão tem sido criar a vida, e a fecundidade para os outros, pois nunca os que nela nasceram, os que nela viveram, os que a amaram e sugaram-lhe o leite, tiveram sossego sobre o seu solo!"

 (Lima Barreto, OS BRUZUNDANGAS)

"Senhora Dona Bahia,

nobre e opulenta cidade,

madrasta dos Naturais,

E dos Estrangeiros madre.

Dizei-me por vida vossa,

em que fundais o ditame

de exaltar, os que aí vêm,

e abater, os que ali nascem?"

 (Gregório de Matos, POESIAS SELECIONADAS)

Lima Barreto e Gregório de Matos estão distantes, cronologicamente, na Literatura Brasileira. Mas os autores podem ser aproximados pelo teor satírico que imprimiram às suas obras. Tome os fragmentos citados para responder às questões seguintes:

a) Fale sobre o tema que aproxima os dois textos.

b) Destaque do texto de Gregório de Matos um par de versos que tenha "uma figura de oposição" muito comum ao Barroco, classificando-a.

c) Aponte na prosa de Lima Barreto "uma figura de efeito sonoro" que seja comum ao gênero lírico, classificando-a.

39**.** METADE PÁSSARO

 A mulher do fim do mundo

 Dá de comer às roseiras,

 Dá de beber às estátuas,

 Dá de sonhar aos poetas.

 A mulher do fim do mundo

 Chama a luz com um assobio.

 Faz a virgem virar pedra,

 Cura a tempestade,

 Desvia o curso dos sonhos.

 Escreve cartas ao rio,

 Me puxa do sono eterno

 Para os seus braços que cantam.

 (Murilo Mendes)

1 - Cite o movimento de vanguarda a que o texto acima pode ser associado.

2 - No texto, o autor desestrutura o senso e instaura o contrassenso.

 Teça um breve comentário que justifique a afirmativa acima.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

AUTO DA LUSITÂNIA

 Entra Todo o Mundo, homem como rico mercador, e faz que anda buscando alguma cousa que se lhe perdeu; e logo após ele um homem, vestido como pobre. Este se chama Ninguém, e diz:

- Que andas tu aí buscando?

Todo o Mundo:

- Mil cousas ando a buscar:

delas não posso achar,

porém ando perfiando,

por quão bom é perfiar.

Ninguém:

- Como hás nome, cavaleiro?

Todo o Mundo:

- Eu hei nome Todo o Mundo,

e meu tempo todo inteiro

sempre é buscar dinheiro,

e sempre nisto me fundo.

Ninguém:

- E eu hei nome Ninguém,

e busco a consciência.

(Berzebu para Dinato)

- Esta é boa experiência!

Dinato, escreve isto bem.

Dinato:

- Que escreverei, companheiro?

Berzebu:

- Que Ninguém busca consciência

e Todo o Mundo dinheiro.

(Ninguém para Todo o Mundo)

- E agora que buscas lá?

Todo o Mundo:

- Busco honra muito grande.

Ninguém:

- E eu virtude, que Deus mande

que tope co ela já.

(Berzebu para Dinato)

- Outra adição nos acude:

escreve aí, a fundo,

que busca honra Todo o Mundo,

e Ninguém busca virtude.

Ninguém:

- Buscas outro mor bem qu'esse?

Todo o Mundo:

- Busco mais quem me louvasse

tudo quanto eu fizesse.

Ninguém:

- E eu quem me repreendesse

em cada cousa que errasse.

(Berzebu para Dinato)

- Escreve mais.

Dinato:

- Que tens sabido?

Berzebu:

- Que quer em extremo grado

Todo o Mundo ser louvado,

e Ninguém ser repreendido.(...)

(Todo o Mundo para Ninguém)

- E mais queria o paraíso,

sem mo ninguém estorvar.

Ninguém:

- E eu ponho-me a pagar

quanto devo pera isso.

(Berzebu para Dinato)

- Escreve com muito aviso.

Dinato:

- Que escreverei?

Berzebu:

- Escreve

que Todo o Mundo quer paraíso,

e Ninguém paga o que deve.

(VICENTE, Gil. Farsa Chamada "Auto da Lusitânia". *In: Obras de Gil Vicente*. Porto:

Lello & Irmão, 1965, pp. 452-453.)

O CORTIÇO

 Daí a alguns meses, João Romão, depois de tentar um derradeiro esforço para conseguir algumas braças do quintal do vizinho, resolveu principiar as obras da estalagem.

 - Deixa estar, conversava ele na cama com a Bertoleza; deixa estar que ainda lhe hei de entrar pelos fundos da casa, se é que não lhe entre pela frente! Mais cedo ou mais tarde como-lhe, não duas braças, mas seis, oito, todo o quintal e até o próprio sobrado talvez!

 E dizia isto com uma convicção de quem tudo pode e tudo espera da sua perseverança, do seu esforço inquebrantável e da fecundidade prodigiosa do seu dinheiro, dinheiro que só lhe saía das unhas para voltar multiplicado.

 Desde que a febre de possuir se apoderou dele totalmente, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens. Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que no entanto gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores. Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular; de reduzir tudo a moeda. E seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, da venda às hortas e ao capinzal, sempre em mangas de camisa, de tamancos, sem meias, olhando para todos os lados, com o seu eterno ar de cobiça, apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas.

(AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. 25ª ed.São Paulo: Ática, 1992, pp. 23-24.)

40**.** Na cena da farsa AUTO DA LUSITÂNIA atuam os personagens Todo o Mundo e Ninguém, e, intercaladamente, Berzebu e Dinato. Os diálogos entre estes dois últimos estabelecem uma ambiguidade semântica com respeito aos dois primeiros. Releia o texto e responda:

a) Qual personagem se responsabiliza diretamente por promover a ambiguidade?

b) Explique a ambiguidade que adquirem os nomes Todo o Mundo e Ninguém.

41**.** Confrontando os fragmentos do AUTO DA LUSITÂNIA e de O CORTIÇO, percebe-se que o comportamento de João Romão corresponde, até com sarcasmo, a uma das atitudes que o auto de Gil Vicente atribui a Todo o Mundo. Compare ambos os textos e responda:

a) Qual é esse comportamento de João Romão?

b) Aponte uma passagem de cada um dos textos em que tal comportamento esteja caracterizado.

42**.** A poesia lírica de Gregório de Matos subdivide-se em amorosa e religiosa.

a) Quais são os dois modos contrastantes de ver a mulher, em sua lírica amorosa?

b) Como aparece em sua lírica religiosa a ideia de Deus e do pecado?

43**.** I.

"Eis aqui se descobre a nobre Espanha,

Como cabeça ali de Europa toda"

II.

"Eis aqui quase cume da cabeça

De Europa toda, o reino Lusitano,

Onde a terra se acaba e o mar começa"

III.

"A Europa jaz, posta nos cotovelos:

De Oriente a Ocidente jaz fitando,

E toldam-lhe românticos cabelos

Olhos gregos lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado,

O direito é em ângulo disposto

Aquele diz Itália onde é pousado;

Este diz Inglaterra, onde afastado,

A mão sustenta, em que se apóia o rosto.

Fita com olhar sphyngico e fatal.

O Ocidente futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal."

Os textos I e II iniciam respectivamente as estâncias 17 e 20 do canto III d' "Os Lusíadas", de Luís Vaz de Camões, e o texto III é um poema do livro Mensagem, de Fernando Pessoa.

a) A que movimento literário pertence cada um dos autores?

b) De que recurso comum aos dois textos se valem os autores para elaborar a descrição da Europa?

44**.** "Amor é fogo que arde sem se ver;

É ferida que dói e não se sente

É um contentamento descontente;

É dor que desatina sem doer;"

 (Lírica de Camões, seleção, prefácio e Notas de MASSAUD MOISÉS, S. P., Ed. Cultrix, 1963)

"Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo.

Mal de te amar neste lugar de imperfeição

Onde tudo nos quebra e emudece

Onde tudo nos mente e nos separa."

 (SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN, "Terror de te amar", em Antologia Poética)

Dos dois textos transcritos, o primeiro é de Luís Vaz de Camões (século XVI) e o segundo, de Sophia de Mello Breyner Andresen (século XX). Compare-os, discutindo, através de critérios formais e temáticos, aspectos em que ambos se aproximam e aspectos em que ambos se distanciam um do outro.

45**.** Os paradoxos do sentimento amoroso constituem um dos temas favoritos de sua poesia lírica, exercitada sobretudo nos sonetos.

a) De que poeta se trata?

b) Indique um texto do poeta em que este sentimento contraditório se manifesta.

46**.** O indianismo tem uma tradição relativamente longa na Literatura Brasileira.

a) Antes de Alencar quem trouxe o índio para a literatura? Cite pelo menos um autor ou uma obra.

b) Esse filão indianista chegou até o Modernismo e repercutiu em vários autores: indique um autor e uma obra em que se deu essa repercussão.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

LÍNGUA PORTUGUESA

Olavo Bilac

Última flor do Lácio, inculta e bela

És, a um tempo, esplendor e sepultura:

Ouro nativo, que na ganga impura

A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim desconhecida e obscura,

Tuba de alto clangor, lira singela,

que tens o trom e o silvo da procela

E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma

De virgens selvas e de oceano largo!

Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"

E em que Camões chorou, no exílio amargo,

O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

 em TARDE (1919)

LÍNGUA

Caetano Veloso (a Violeta Gervaiseau)

Gosto de sentir a minha língua roçar

A língua de Luís de Camões.

Gosto de ser e de estar

E quero me dedicar

A criar confusões de prosódia

E uma profusão de paródias

Que encurtem dores

E furtem cores como camaleões.

Gosto do Pessoa na pessoa

Da rosa no Rosa,

E sei que a poesia está para a prosa

Assim como o amor está para a amizade.

E quem há de negar que esta lhe é superior?

E deixa os portugais morrerem à míngua,

"Minha pátria é minha língua"

- Fala Mangueira!

Flor do Lácio Sambódromo

Lusamérica latim em pó

O que quer

O que pode

Esta língua?

 em VELÔ (1984)

47**.** Além de Luís de Camões, que aparece mencionado nos dois textos, o poema de Caetano menciona outros dois escritores. Cite pelo menos uma obra importante de cada um destes dois literatos.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES:

Cessem do sábio Grego e do Troiano

As navegações grandes que fizeram;

Cale-se de Alexandre e de Trajano

A fama das vitórias que tiveram;

Que eu canto o peito ilustre Lusitano,

A quem Neptuno e Marte obedeceram.

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,

Que outro valor mais alto se alevanta.

48**.** Uma leitura atenta da estrofe citada revela que o conteúdo dos primeiros seis versos é retomado e sintetizado nos últimos dois versos. Interprete a estrofe de acordo com esta observação.

49**.** A oitava anterior constitui a terceira estrofe de OS LUSÍADAS, de Luís de Camões, poema épico publicado em 1572, obra máxima do Classicismo português. O tipo de verso que Camões empregou é de origem italiana e fora introduzido na Literatura Portuguesa algumas décadas antes, por Sá de Miranda. Quanto ao conteúdo, o poema OS LUSÍADAS toma como ponto de referência um episódio da História de Portugal. Baseado nestes comentários e em seus próprios conhecimentos, releia a estrofe citada e indique:

a) o tipo de verso utilizado (pode mencionar simplesmente o número de sílabas métricas);

b) o episódio da História de Portugal que serve de núcleo narrativo ao poema.

50**.** Dê argumentos que permitam considerar o Padre Antônio Vieira como um expoente tanto da Literatura Portuguesa quanto da Literatura Brasileira.